

2007 - Amigos, amigos, língua à parte

Amigos, amigos, língua à parte

por: Eugénio Costa Almeida©

Para muitos foi um escândalo. Tê-lo-á sido? Eu explico. O senhor George W. Bush, presidente – ainda!! – dos EUA vetou uma proposta do Congresso, apresentada pelos democratas porque entre outros itens havia um que previa a criação de um museu-prisão (ou vice-versa), de uma escola de “bem navegar a todo o oceano” num catamaran e… a aprendizagem do português como segunda língua, nas escolas públicas.

O veto, segundo o ainda presidente, deveu-se ao facto destas propostas serem pouco exequíveis e pouco interessantes e serem também “projectos esbanjadores”.

Abespinharam-se os defensores, naturalmente, do português como língua falada por mais de 200 milhões de pessoas, nomeadamente nos órgãos de comunicação social portugueses (do Brasil ou dos outros países lusófonos nada ainda me apercebi) porque o português é só a 5ª língua mais falada do Mundo.

Por acaso os chineses que já a tornaram – ou estão em vias disso – obrigatória nas escolas públicas, consideram que o português dentro de poucos anos – talvez dentro de 15 a 25 anos – será uma das 3 mais faladas do Mundo.

Então é assim, senhor Bush, que se trata os amigos? Aqueles que estão sempre dispostos a abrirem-se para que tudo o que V. Exa. e seu séquito pedem – leia-se, exigem, – seja satisfeito. Onde está o “meu amigo José” dos Açores?

Mas… pensando bem…

Se um Ministro português propõe que os Mestrados e Doutoramentos na União Europeia sejam todos dados e ministrados em inglês em qualquer que seja o país…

Se há quem chame à língua e cultura portuguesa, não lusofonia mas brasilofonia e o senhor Bush não é propriamente reconhecido pela sua grande inteligência e cultura…

Se, escreve o Professor universitário Carlos de Abreu Amorim, no matutino português Correio da Manhã, de hoje, num artigo sob o interessante título “Servil aculturação”que, e passo a citar, o “professor Jorge Miranda revelou que as reuniões do conselho científico da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa decorrem em língua inglesa”…

Se os portugueses andam há anos a protelar a assinatura da harmonização e quase uniformização da língua portuguesa entre todos os países lusófonos, não sendo líquido que o “Acordo Ortográfico” já ratificado por 3 países, e com os restantes a caminho mas com Portugal reticente em o ratificar salvo se houver uma procrastinação de cerca de 10 anos…

Como nos podemos importunar com a atitude do senhor Bush mesmo que hajam países, que não Portugal, defendam a implementação do “Português” como língua oficial e de trabalho em todos os órgãos institucionais internacionais, como nos diferentes serviços e departamentos da ONU?

Ou porque nos haveremos de nos abespinhar com a atitude do senhor Bush se, por exemplo na Guiné-Bissau a língua portuguesa tem sido cada vez mais “desprezada” por quem a deveria sustentar e implementar, os organismos oficiais portugueses – nem mesmo junto dos seus imigrantes, como reconhece o ACIME –, ao contrário do governo francês que dá formação de língua francesa e cursos técnicos intensivos aos imigrantes que por lá demandam e tem um forte projecto para disseminar o francês na região.

16-Nov-2007©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Colunistas" em 16.Novembro.2007,
(<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcvview&article=19844&catogory=ECA Almeida>)